

Diário de Petrópolis, 10 de Julho de 2023

## **O Futuro de Países Que Produzem Commodities, como o Brasil**

Por: Ronaldo Fiani

Concluí o artigo da semana passada afirmando que sem desenvolver uma indústria tecnologicamente sofisticada, de alta produtividade, que ofereça empregos bem remunerados, elevando a renda média da população de forma sustentada, vamos continuar sem absorver o desemprego estrutural das grandes e médias cidades brasileiras, ou seja, o desemprego provocado pelo predomínio de atividades de baixa produtividade e remuneração, que se disfarça de empreendedorismo quando o crédito facilita o estabelecimento deste tipo de atividade, como no caso das hamburguerias, salões de barbeiros, oficinas de bicicletas etc.

Mas será que as commodities não poderiam ser um substituto para a indústria? Hoje elas são o carro-chefe das exportações brasileiras: produtos como a soja, o milho, o petróleo e o minério de ferro lideram as nossas exportações, e o agronegócio tem sido apontado como o principal responsável pelo crescimento de 1,9% do PIB no primeiro trimestre deste ano, pois a agropecuária responde por 1,6% deste total: <https://www.noticiasagricolas.com.br/videos/agronegocio/351312-agronegocio-puxa-crescimento-do-pib-mas-falta-de-desenvolvimento-de-outros-setores-e-um-a-barreira-para-o-agro.html>).

A concentração da atividade econômica no agronegócio é problemática. Como já afirmei em outras oportunidades, o agronegócio não gera empregos em cidades distantes dos grandes centros produtores, como o Rio, São Paulo e Belo Horizonte. Mas há outro problema, muito mais sério: no artigo de 11 de junho deste ano publicado no Diário de Petrópolis, intitulado O Ciclo das Commodities Está Terminando (<https://www.diariodepetropolis.com.br/integra/ronaldo-fiani-240560>), destaquei que o longo ciclo de valorização das commodities está chegando ao seu fim.

Este ciclo de valorização, que foi provocado pelo crescimento acelerado da China, e garantiu renda elevada para produtores agropecuários em países como o Brasil está se encerrando, e os países que baseiam seus ganhos na produção de commodities deveriam se precaver. As razões do fim deste ciclo, que se iniciou em 2002, estão ligadas direta ou indiretamente ao confronto político entre Estados Unidos e China, que afetou adversamente o comércio internacional e o preço das commodities.

Apesar deste diagnóstico acerca do futuro das commodities, o leitor Ermio Patrão me enviou uma provocação interessante: será que as mudanças climáticas provocadas pelo aquecimento global não poderiam favorecer os países produtores de um tipo importante de commodities, os alimentos? A hipótese levantada é a de que a redução das safras provocadas pelas mudanças climáticas poderia elevar os preços deste tipo de produto, aumentando o ganho dos países produtores de alimentos. É sempre arriscado fazer exercícios de previsão, especialmente quando algo como a mudança climática está envolvido, em relação à qual os próprios cientistas afirmam ser difícil prever as consequências. Todavia, uma análise econômica do mercado de commodities e do processo de produção de alimentos talvez ajude a avaliar as chances desta hipótese.

Em primeiro lugar, como afirmei no artigo sobre o fim do ciclo das commodities, o preço deste tipo de produto é determinado pela sua demanda. Por exemplo, quando a demanda global por milho se eleva, o preço internacional do milho aumenta, e quando a demanda global se reduz, o preço internacional também diminui. Assim, com a tendência anunciada de redução do comércio e da renda globais, a perspectiva para os preços internacionais dos alimentos é de redução. Entretanto, é verdade que mudanças climáticas podem causar perdas inesperadas nas safras, reduzindo a oferta global e gerando uma tendência oposta de aumento de preços. Qual tendência vai prevalecer?

Este é o primeiro problema: é difícil prever qual tendência vai prevalecer. Dependendo de que regiões são afetadas pela mudança climática, dos alimentos que elas produzem, e da forma e intensidade que serão afetadas, a oferta de alimentos pode reagir de várias maneiras diferentes. Não é nem mesmo impossível que, no caso de alguns produtores de determinados alimentos, haja até aumento na oferta, em função de condições climáticas localizadas mais favoráveis, o que contribuiria para reduzir os preços internacionais.

Mas há um segundo problema, mesmo que aceitemos a hipótese de que as mudanças climáticas serão desfavoráveis para a produção de todo tipo de alimentos. O fato de que a mudança climática venha a reduzir a oferta de um determinado tipo de alimento, elevando seu preço ao comprometer a produção em um determinado local não significa que os produtores daquele local serão necessariamente beneficiados por este aumento de preços. Isto porque os produtores de alimentos contraem empréstimos antes de produzir, na expectativa de uma determinada safra. Perdas inesperadas afetam o resultado planejado, pois eles têm custos com insumos e encargos (juros e amortizações) sobre algo que não foi vendido, pois não foi produzido. Assim, não é possível afirmar antecipadamente que o aumento dos preços resultante da perda da safra vai sempre compensar os prejuízos do que foi perdido. O resultado será incerto.

Pior ainda, caso a mudança climática acarrete desastres naturais que provoquem perda total em determinados locais, mesmo que o preço internacional aumente, os produtores afetados não ganharão nada com isto.

Além da tendência de queda dos preços da commodities, as mudanças climáticas tornam incerto o futuro de países como o Brasil.

Link para a matéria original:

<https://www.diariodepetropolis.com.br/integra/ronaldo-fiani-243137>